

# 1. Chega de falsas esperanças

É quase meio-dia, e ainda estamos parados aqui. O corrimão da escada para a ponte de comando está quente como um cano de calefação. Subo de dois em dois degraus. Ao chegar no topo, paro por um instante, sentindo uma camada de gotículas de suor cobrir minha pele. Nada de vento, o ar está imóvel. O calor é tão grande que não dá para se mexer muito. Estamos no mês mais quente já registrado desde o início das medições climáticas.

É sexta-feira, 28 de junho de 2019, o vigésimo dia desde que zarpamos do porto de Licata, na Sicília, para salvar vidas humanas. Dezesseis dias atrás, a quase 50 milhas marítimas da costa da Líbia, resgatamos 53 pessoas de um bote inflável impróprio para o alto-mar — homens, mulheres grávidas, menores de idade... entre eles, até mesmo duas crianças pequenas. Nesse meio-tempo, a guarda costeira da Itália retirou da nossa embarcação alguns casos de emergência médica e de especial vulnerabilidade. Agora, ainda temos 40 pessoas a bordo, debilitadas e abatidas.

Seguimos esperando que alguém nos diga o que fazer com elas.

Mas nosso tempo está se esgotando.

A cada minuto que passa, corremos o risco de que o próximo caso de emergência seja fatal.

À nossa frente, a costa da ilha de Lampedusa se estende como uma fita fina e reluzente; é um dos pontos mais ao sul da Europa e o porto seguro mais próximo de nós. O calor faz tremeluzir o ar sobre a água. Seria possível alcançar o porto em uma hora, se nos permitissem. Em vez disso, estamos aqui parados, na esperança de que os Estados europeus encontrem uma solução. Lanço um olhar para o deque com as lanchas empilhadas em guindastes e, um pouco mais abaixo, para o convés principal. Lonas de acampamento foram esticadas contra o sol; embaixo delas, estão as pessoas que resgatamos do bote inflável.

Nosso navio não tem estrutura para manter por muito tempo a bordo as pessoas resgatadas. Só existem três banheiros; podemos dessalinizar a água do mar, mas é um processo lento; e apesar de termos enchido o reservatório no porto, com tantas pessoas a água é suficiente apenas para tomar banho e lavar roupa esporadicamente. Só há um cobertor para cada um dos que estão deitados lá embaixo no deque das lanchas. Não é nada confortável: ou você se deita por cima dele e passa frio à noite, ou você se cobre e em pouco tempo sente dores nas áreas do corpo apoiadas diretamente nos tapetes pretos de PVC espalhados sobre o assoalho.

O mar imenso cintila ao nosso redor, pequenas ondas arrebentam na nossa proa. O Sea-Watch 3 é um velho navio de apoio *offshore* dos anos 1970. Era utilizado pela indústria petrolífera e também serviu como navio de salvamento para os Médicos Sem Fronteiras, antes de ser

adquirido pela Sea-Watch com dinheiro de doações. Uma lata-velha que precisa de muita manutenção.

Ele dá conta do recado, mas não nutro nenhum apreço especial por ele.

Na verdade, eu sequer deveria estar aqui. Neste ano, eu não estava na escala de nenhuma ‘missão’ — como são chamadas as operações de salvamento marítimo. Passei alguns anos navegando, a maior parte como oficial náutico em grandes navios de pesquisa nas regiões polares e também com o Greenpeace. Depois, estudei Gestão Ambiental e pretendia me concentrar na área de preservação da natureza ao fim dos estudos. Eu nunca tinha sentido uma grande paixão pelo mar. Além disso, após alguns anos na profissão, me parecia que era mais importante cuidar da conservação da nossa biosfera. No entanto, meus conhecimentos de navegação vieram a ser úteis com a Sea-Watch e outras ONGs de salvamento marítimo para fazer aquilo que considero essencial: salvar vidas.

Certo dia, recebi um e-mail informando que uma missão prestes a começar havia ficado subitamente sem capitão. Nessa época, eu estava trabalhando há algum tempo na Escócia como *trainee* em um programa de preservação ambiental. Coletávamos dados sobre borboletas, fazíamos reparos em trilhas florestais e, quando chovia torrencialmente, passávamos três dias seguidos na estufa trocando de pote as mudas de pinheiro-silvestre. Era bonito estar lá: as encostas íngremes das montanhas com os cumes vestindo capuzes de musgo, o cheiro dos prados e da chuva se misturando ao aroma de flores delicadas e à resina das coníferas... À noite, flutuando em meio à névoa acima do lago, as mobelhas-pequenas chamavam umas às outras

fazendo sons prolongados. O ar era tão límpido e encorpado que eu preferiria ficar o dia todo em meio à natureza.

Para todos os efeitos, eu não queria ir embora, mas era um apelo direcionado à lista de contatos de emergência, a todos em condições de assumir de última hora o lugar de um membro da tripulação. Não é difícil achar voluntários para um posto que não requer conhecimento prévio, mas é bem complicado encontrar profissionais especializados para a equipe técnica do navio ou para a equipe médica.

Eu já previa que seria difícil achar um substituto em tão pouco tempo. Uma conversa por telefone com o coordenador da operação deixou claro que de fato não havia ninguém para assumir o comando do navio. Se eu não o fizesse, eles não poderiam zarpar, mesmo estando com a tripulação completa. Senti-me na responsabilidade de agir e fui arrumar minha mala.

Agora, portanto, estou aqui neste navio ancorado, em meio ao calor abafado do sul da Europa. Escuto apenas fiapos de conversas por cima das ondas respingando, fora isso está tudo muito calmo. Conferi inúmeras vezes, com a tripulação, tudo o que ainda podemos fazer. Também consultei a equipe da Sea-Watch em terra, composta por muitos voluntários e alguns empregados, a maioria localizada em Berlim, mas também em Amsterdã, Roma, Bruxelas e outros lugares. Essa equipe é responsável pela logística, pela assessoria de imprensa e pela comunicação interna, da mesma forma que presta consultoria jurídica e atua politicamente. Ela mantém contato com outras organizações e com atores políticos e nos informa e aconselha sobre a evolução dos acontecimentos.

Ficamos retidos em águas internacionais por duas semanas. Através da internet instável que temos a bordo, mandei e-mails pedindo apoio aos órgãos competentes em Roma e Valeta e ao escritório central da guarda costeira em Den Helder (o Sea-Watch 3 navega sob bandeira holandesa). O Ministério das Relações Exteriores da Alemanha também nos ajudou a solicitar auxílio junto à Espanha e à França.

A guarda costeira da Itália subiu a bordo. Junto com ela, a Guardia di Finanza, a polícia aduaneira e financeira subordinada ao Ministério de Economia e Finanças em Roma.

Disseram-nos para aguardar.

Ainda não tinham uma solução.

Nada aconteceu.

Nossas possibilidades foram diminuindo. Tornou-se cada vez mais difícil garantir a segurança a bordo, as pessoas necessitavam urgentemente de cuidados médicos em terra firme. Uma das mulheres resgatadas revelou à nossa médica estar tão desesperada que pensava em pôr fim à própria vida. Disse que se sentiria mais segura se houvesse alguém com ela o tempo todo.

Não temos como fazer isso. A tripulação é composta por mais de 20 pessoas, entre elas especialistas da parte técnica e da navegação, como eu e os engenheiros, além da equipe médica e das tripulações das lanchas. A maioria trabalha aqui no seu tempo livre, como Oscar, estudante de Direito que está bem perto de prestar o exame final. Apenas três pessoas trabalham para a Sea-Watch permanentemente, mas existem algumas que estão aqui como voluntários faz tempo — como Lorenz, responsável pelos nossos passageiros. Todos participam das escalas de turnos, pois

precisamos cuidar de cada indivíduo dia e noite. Uma tarefa que vai se tornando cada vez mais difícil, devido ao sofrimento que aumenta com a indefinição e que piora ainda mais conforme a situação precária se prolonga.

Por isso, há dois dias, decidi declarar estado de emergência e entrar sem autorização no mar territorial italiano. Fomos impedidos pela Guardia di Finanza, que então colheu os dados pessoais de toda a tripulação e fiscalizou os certificados do navio. Disseram que logo surgiria uma solução política para o caso e que até lá precisávamos aguardar.

Então deram no pé.

Ontem, devido à nossa situação calamitosa, solicitei ao porto um lugar para atracar. Mais uma vez, fomos impedidos pelas embarcações das autoridades.

A solução já está quase chegando, disseram.

A imprensa e alguns parlamentares apareceram num barco fretado.

Muitas câmeras.

Muitos telefonemas.

Nenhuma solução.

Hoje chegaram informações do promotor de justiça nos comunicando que foram instauradas investigações contra mim, sob acusação de facilitação à entrada ilegal de estrangeiros. Mesmo que pareça estranho: esse foi o primeiro vislumbre de uma luz no fim do túnel em muitos dias. Na última missão, em maio, investigações como essa fizeram com que o navio fosse apreendido. Ao ordenar uma apreensão, o promotor de justiça passa a ser responsável pelas pessoas a bordo, que podem então finalmente desembarcar em terra firme.

É isso que hoje esperamos que aconteça.

Faço sombra no rosto, depois limpo o suor da testa. Iates zarpam do porto, e barcos de pesca navegam para lá e para cá à nossa volta. Se não estivéssemos nessa situação terrível, provavelmente entraríamos na água. Mas estamos aqui parados, assando no calor.

Nesse meio-tempo — é o que fico sabendo mais tarde —, 17 embarcações de refugiados conseguiram chegar em Lampedusa, 300 pessoas ao todo entraram na Itália dessa forma, a maioria certamente procedente da Tunísia. Essas pequenas embarcações são chamadas de *ghost boats*, os botes fantasmas. Devido ao fato de as pessoas a bordo já se encontrarem no mar territorial da Itália, a guarda costeira simplesmente os deixa chegar em terra firme, depois comunica a polícia ou os serviços humanitários. Via de regra, ninguém foge nem tenta se esconder, pois Lampedusa é tão pequena que seria muito difícil conseguir. Quase sempre, os refugiados são vistos por algum pescador ou outro morador muito antes de desembarcarem na praia ou nas pedras. Então as autoridades aparecem e levam todos ao centro de acolhimento, onde tudo prossegue como de costume: identificação, coleta das digitais etc.

Só nós, com os 40 refugiados precisando urgentemente de cuidados médicos, ficamos retidos aqui. Existem as emergências físicas, como as de pacientes cujas enfermidades se acentuaram a bordo e que, por terem febre alta e dores intensas, não podem mais ser tratados no navio. Estes a guarda costeira veio buscar. A maioria das pessoas que socorremos sofre de estresse pós-traumático. Em outras, seria necessário — e com urgência — curar por completo as velhas feridas provocadas pela violência nos campos na Líbia ou as fraturas ósseas sofridas durante a fuga, nunca

tratadas. A guarda costeira da Itália diz que não são casos emergenciais. Dessa forma, uma questão de direito marítimo é transformada numa discussão absurda sobre o estado de saúde dos resgatados, que — essa é a verdade —, mesmo se estivessem totalmente saudáveis, teriam direito a acessar um porto seguro.

Na reunião da manhã, Lorenz — enfermeiro de formação, responsável por coordenar o cuidado dos nossos passageiros — enfatiza outra vez o quão difícil a situação está.

— O maior perigo é que as pessoas decidam voltar a agir por conta própria — ele disse. — Temo que se atirem na água.

Lorenz é alto e magro e tem cabelos castanhos, raspados de um lado. Ele já está nessa empreitada há tanto tempo quanto eu e também estudou Ciências Ambientais. Isso tudo nos une, bem como o motivo de estarmos neste navio. Ninguém está aqui por desejo de aventura ou outros motivos insignificantes. Ninguém na minha tripulação o faria, eu tampouco, e muito menos as pessoas que resgatamos.

Pelo contrário, todos estão fugindo da violência. O último trecho da rota de fuga — a Líbia, país em guerra civil — é o lugar onde a maioria vive suas piores experiências.

— Quando converso com eles sobre as condições nos campos, logo alguém me diz: “Dá uma olhada nesta ferida na minha cabeça: foi um cano de metal” — relata Lorenz. — Em outra pessoa, vejo dez pontos marcados na pele, nos quais apagaram cigarros. Ou alguém levanta a camiseta, mostra uma cicatriz e explica que foram choques elétricos. Eles não acham nada de mais mostrar esses ferimentos, é algo normal. Quase todos foram torturados.